



## ENTRE O TATO E A VISÃO:

### bifurcação de caminhos

por Elisabete Leone<sup>1</sup>

#### Resumo:

O presente artigo representa parte de minhas investigações sobre a comunicação tátil. Ao lermos estas duas últimas palavras, logo vem à nossa mente a questão da deficiência visual. Com certeza, escrevo sobre os meios de comunicação e a manutenção de vínculos entre os deficientes visuais, sejam eles congênitos ou com deficiência visual adquirida. Eles podem, à sua maneira, construir um mundo completo e suficiente, sem sentimento de incapacidade, desde que tenham a oportunidade de acesso ao acervo da cultura, a qual eles também pertencem. Por outro lado, o texto também lança um olhar para nossa deficiência contemporânea, nosso distanciamento da comunicação tátil, mídia primária por excelência! Desde que o homem passou a valorizar apenas o sentido da visão, segundo Kamper, a perda do corpo nos escapa, de acordo com a divisa européia do "don't touch".

#### Abstract:

This article is part of my research of touch communication. When we read those two last words, soon comes in our mind the problem of visually handicapped people. Certainly, I'm writing about media communication and maintenance entail between visually deficient handicapped people and doesn't matter if they are congenital blind or people who lost the vision. They may build a complete and sufficient world their own way, without awkward feelings if they are given an opportunity to access a cultural scene to which they also belong. On the other side, this text also give us a vision to our contemporary deficiency and how far we are from the touch communication, primary media of excellence. Since the man started to value just the sense of vision Dietmar Kamper says that we lost aour body like the european precept " don't touch".

---

<sup>1</sup> Elisabete Leone ministra cursos e palestras de História da Arte desde 1986. Em 1999, como curadora convidada, inaugura o Espaço de Arte da Universidade Cidade de São Paulo, onde permanece até hoje, com mais de trinta mostras já realizadas. Em 2000, inicia sua pesquisa e prepara exposições adequadas para os deficientes visuais. Após ter concluído mestrado na Puc, em Comunicação e Semiótica, prepara seu projeto para o doutorado, na mesma instituição.





*""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra do homem!""*

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

### 1.1 Deficientes ou diferentes

*"A palavra deficiente, bem como a proliferação das expressões mais contemporâneas que a substituem, testemunham os esforços feitos pela humanidade para dissimular a verdadeira substância que estas palavras designam, isto é o corpo".<sup>2</sup>*

Estas palavras de Bavcar apontam os rumos da presente pesquisa, refletem que o pensamento que a perpassa é o da cultura, o da comunicação, fundindo-se no corpo. Logo, propomos mais do que uma definição para o que vem a ser um humano deficiente. Sugerimos investigar suas competências e as possibilidades de comunicação com o mundo.

Com o passar dos séculos, a incapacidade de uma pessoa foi supervalorizada, sendo ela considerada retardada ou idiota. O que entendemos por deficiente? Um ser incapaz?

Não há dúvidas que, nas últimas décadas, em todos os países, inclusive no Brasil, há um esforço para minimizar o preconceito e a segregação. Há leis que garantem educação, trabalho e lazer, além de movimentos para inserção no mercado de trabalho, na

<sup>2</sup> Evgen Bavcar esteve no Brasil algumas vezes. Ele é franco-esloveno, Doutor em Filosofia de Estética pela Universidade de Paris e Teórico da Arte. Cego desde onze anos devido a um acidente é filósofo, cineasta e fotógrafo. Em 2001, participou de um ciclo de palestras sobre O Homem Máquina. O título da sua palestra foi: O Corpo, espelho partido da história, uma reflexão sobre a condição do deficiente físico ao longo da cultura, e a tragédia da Europa Central. I O Estado de São Paulo, 18/08/01, p.D3.





equiparação de oportunidades e de inclusão. Se formos ler todos os textos que existem tanto em nossa legislação quanto em textos internacionais, ficaremos surpresos com a quantidade de itens que abordam a questão da deficiência, a proteção e o respeito. Diz o artigo 3 da Declaração dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência:

*"Às pessoas portadoras de deficiências, assiste o direito, inerente a qualquer ser humano, de ser respeitado, sejam quais forem seus antecedentes, natureza e severidade de sua deficiência. Elas têm os mesmos direitos que os outros indivíduos da mesma idade, fato que implica desfrutar da vida decente, tão normal quanto possível".*<sup>3</sup>

Mas aquelas palavras parecem prisioneiras do papel. Pouco do que se escreve é colocado em prática na vida real. Apesar das legislações, os deficientes, de uma maneira geral, são vistos por seus aspectos que os limitam, como o orgânico e o funcional.

No caso da deficiência visual, a cegueira tende a ser incluída em uma esfera depreciativa, como ao longo da história sempre o foi. Talvez haja uma tendência de estender a deficiência visual para outros ramos das potencialidades do homem, não aceitando que a inteligência não seja afetada no caso daquele déficit. Sempre se projetou sobre o cego o estigma da incapacidade em sua total amplitude e "as sequelas dessa tendência perduram até hoje". É o que afirma João Ganzarolli<sup>4</sup> e continua em seu artigo dizendo que "por mais que as entidades encarregadas se empenhem na formulação de medidas voltadas para auxiliar o cego na sua adaptação ao mundo, esse processo muitas vezes não é

<sup>3</sup> O texto na íntegra assim como outros textos e legislações internacionais podem ser encontrados no site: <http://www.saci.org.br> .

<sup>4</sup> João Vicente Ganzarolli de Oliveira, PHD, professor do Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ.





acompanhado por uma conscientização, em grande escala, das reais prioridades para uma pessoa portadora deste tipo de impedimento."<sup>5</sup>

*"Que espelho podemos tomar como arquétipo do deficiente?" Pergunta Bavcar. Ele nos faz recordar que na história ocidental, Adão e Eva são deficientes da existência eterna, uma vez que somos todos mortais. O autor faz alusões a um corpo que está fragmentado, nossa deficiência contemporânea e as faz também no que diz respeito à deficiência física, concreta. Para ele, o deficiente tem uma consciência do corpo um pouco mais aguda e um pouco mais dolorosa, sem poder dizê-lo, devido a toda aparelhagem conceitual que impede esta mesma consciência de dizer sua própria visão da história.*

*"Para olharmos estes mal nascidos esquecemo-nos ou fazemos de tudo para não olharmos o corpo como espelho da história, tanto no passado quanto em nossa época,(... )para não nos darmos conta da dimensão dissimulada do corpo nas visões atuais que o fragmentaram e assim conseguiram desviar nossa atenção de sua persistência histórica, de sua unidade e de seu saber. O corpo como espelho da história continua velado(...)". (Bavcar, 2001)*

*Não é voz única a do filósofo franco-esloveno. Suas idéias dialogam com a reflexão do psicólogo James Hillman. Em uma de suas palestras recomendou aos ouvintes imaginarem um asilo, uma enfermaria, uma clínica de drogados etc. e a seguir sugeriu "vamos levar esta ala para o nosso próprio fundo .... vamos visualizar nossa própria retardada e defeituosa encurvatura, as condições incuráveis e permanentes do fundo humano, que não podem ser curadas, não podem ser suportadas. Aqui está nossa desordem crônica." (Hillman, 1993 :29)*

<sup>5</sup> GANZAROLLI, João. "Arte e Visualidade: A questão da Cegueira". Disponível em: . Acesso em: 28/09/2002





Se transpusermos esta questão para o nível pessoal, como sugere o ilustre psicólogo, vemos que procuramos sempre ocultar o que há de obscuro em nós mesmos, "nossa sombra", "nossa ala dos fundos". Empurramos para baixo do tapete tudo aquilo que não queremos enxergar, nossas deficiências. Todavia, por mais que as ocultemos, elas permanecem consciente ou inconscientemente, o corpo as percebe. O mesmo acontece com a cultura, que não lança seu olhar para a "ala dos fundos". Ao contrário, também não quer olhar naquela direção. Os filhos mal nascidos dos espartanos eram rebentados contra os rochedos. E os nossos "mal-nascidos" e/ ou as vítimas do progresso tecnológico, o que fazemos com eles?

Hillman<sup>6</sup> diz que as questões que daí emergem são três, ou seja, como olhar para esta ala, como lidar com ela e o que tem ela a ver com cultura. Da mesma maneira que lidamos com nossa "ala" a cultura lida com a dela. Uma das formas é a da assistência, que se dá tanto externamente na sociedade, quanto internamente no modo como encaramos nossas deficiências individuais. Entretanto, este convívio está longe de ser equilibrado, pois ele mesmo afirma que com a expectativa de melhora, ou as administramos, as arranjamos ou as jogamos fora, indo em direção dos "objetivos civilizados do conformismo".

*"A assistência falha ao não perceber que o crônico é uma forma diferente, servindo a outros Deuses. Os cegos, os aleijados e os loucos têm medidas diferentes das condições humanas não aflitas. Por esta razão podemos aprender com eles - o poeta cego, o artesão, o aleijado, o profeta louco. Eles imaginam de maneira completamente diferente. Como disse Bachelard, a imaginação trabalha através da deformação, mas a assistência*

<sup>6</sup> Essa questão é por ele apresentada em vários momentos de seu trabalho, mas podemos encontrar referências diretas sobre isso no livro *Cidade & Alma*, 1993.





*trabalha por meio de reformismo e conformismo. A desordem crônica é precisamente aquilo que não se encaixa no humanismo progressista, uma prova precisa da sobrevivência do marginal e até mesmo de que o ideal platônico não se aplica aqui. Daí a reincidência, o eterno retorno, da desordem crônica em nós mesmos e na sociedade". (Hillman, 1993:31)*

Se tratarmos os deficientes como incapazes dando-lhes esta assistência que o autor fala, continuamos a fracassar, pois não se trata de ajudar, melhorar ou salvar. Acima ele utilizou as palavras "objetivos civilizados do conformismo" e nós poderíamos aqui pensar, por que o autor não utilizou "objetivos culturais?" Porque este psicólogo cultural faz a seguinte distinção:

*"A cultura acontece em lugares fechados, reservados mesmo, envolvendo a putrefactio alquímica, ou decadência enquanto o corpo da fermentação. Geração e decadência acontecem juntas; e não são sempre fáceis de distinguir. O que condiz com civilização são sistemas de irrigação, monumentos, vitórias, perseverança histórica, riqueza e poder como uma força coesiva que tem um objetivo comum. A civilização funciona: a cultura floresce. A civilização olha para frente; a cultura olha para trás. A civilização é relato histórico; a cultura é um empreendimento mítico". (Hillman, 1993: 34)*

Hoje, mais do que nunca, estamos envolvidos em um processo que nos faz olhar só para frente, o progresso nos impulsiona, não temos tempo nem interesse de olharmos para trás, muito menos olharmos para algo que se esconde. O olhar dirige-se a uma só direção. Cultura ou civilização? Nossa deficiência contemporânea seria civilização sem cultura ?

Todas as formas de desordem crônica em nós mesmos e em nossas cidades são um ato fundamental de cultura, afirma Hillman. Podemos então lidar com nossa "ala dos fundos" de três maneiras. Primeiro, não tentar modificar uma condição, mas buscar transformar,





não a desordem, mas nossas normas de ordem. Segundo, pode-se estimular a cronicidade a mostrar-se mais, a falar, a abrir suas asas. E em terceiro lugar, "O que tem a ver a desordem crônica em si e a nossa forma de encará-la e de lidar com ela, com a cultura?", pergunta o autor.

O argumento que Hillman utiliza é que ao lidarmos com esta ala é que cresce a cultura, que trata de mover-se da civilização para a cultura. Ele exemplifica isso falando que se pegarmos nosso próprio asilo, cuidarmos dele, deixando emergir a compaixão por sua própria desordem crônica, nosso comportamento muda, deixamos de pensar no futuro para pensarmos no que é essencial sobre nossa natureza e caráter e sobre as pequenas coisas nas palavras, nos gestos, nas atitudes que as limitações de nossa inescapável desordem necessita. Começamos a escutar diferentemente, observar diferentemente, absorver mais sensivelmente. Culturas sobrevivem, civilizações declinam e perecem.(ibidem:36)

Na cultura não há morte, pois ela "nasceu para matar a morte"<sup>7</sup>. Ela surge para superar a finitude humana e sua matéria prima é o imaginário. A cultura nasce para prover nossa necessidade psíquica de sobrevivência e para "nós", como diz Ivan Bystrina, sistematizador da semiótica da cultura, esta é uma totalidade de textos. Esses, tanto podem ser as construções da linguagem verbal como também danças, jogos, rituais, imagens, etc. (1995: 13) Isto explica o parágrafo:

*"Volto-me às artes, para compreender; ao ritual, para as comprovações; e às vidas de homens e mulheres do passado para ver como eles fizeram. Preciso de algo mais que comunidade e civilização, pois elas podem ser demais humanas, visíveis demais. Preciso da*

<sup>7</sup> Este conceito é emprestado do semioticista Norval Baitello, pesquisador e teórico da comunicação.





*ajuda das imagens das lendas, dos ídolos, dos altares, e das criaturas da natureza, para carregar aquilo que é tão difícil de carregar pessoalmente e sozinho. A educação da sensibilidade começa no "asilo", a cultura começa na desordem crônica."(Hillman,1993:35-36).*

A cultura nasce e expande-se em diversas direções, para o passado e para o futuro. A cultura inventa, constrói, modifica, mas tem memória, que é sempre seletiva. Em qualquer cultura, somos o que construímos. Este é um denominador comum. Culturas são diferentes, pois apresentam soluções imaginativas diversas, como os deuses nas religiões existentes, etc. Muitas vezes, houve e há conflitos gerados pela intolerância, pela não aceitação de crenças ou de costumes culturais de um outro povo.

No caso dos deficientes visuais, eles também são diferentes. Podemos aplicar a mesma tolerância que prevemos para as diferentes culturas. O primeiro pensamento é de aceitarmos como são, ou seja, não tem o sentido da visão, percebem o mundo de outras maneiras, com os outros sentidos. Aceitando isto, podemos pensar em conhecê-los melhor, escutá-los, sem impor nossa visão de mundo. Finalmente, após encarar e lidar com a diferença, pode-se respeitar, no sentido que Hillman oferece: "respeitar é simplesmente olhar de novo, respectare, esse segundo olhar com o olho do coração."(ibidem:2

## **1.2 Comunicação e seus sentidos**

Só podemos compreender o que é a comunicação se entendemos o que é cultura, pois são esferas de um grande sistema. Em palestra proferida na Universidade de Brasília, em 1999, Norval Baitello iniciava sua fala colocando ser a comunicação uma área bastante briguenta. Assim o é por ter que abranger necessariamente outros campos do







conhecimento humano fundamental para o estudo da nossa matéria, a semiótica da cultura. Diz ele:

*"A comunicação é uma área transdisciplinar, que não vive sem outras abordagens específicas, sem o conhecimento, sem a contribuição da medicina, da biologia, da psicologia, da sociologia, da etologia e da matemática. Os primórdios da ciência da comunicação nasceram de uma investigação matemática. As teorias clássicas da informação eram teorias matemáticas. Montes de fórmulas calculavam o ruído, a homeostase, e funcionavam perfeitamente para o telefone, para processos telefônicos e telegráficos. Mas, hoje, não dão conta da complexidade, que são os fatores, todos imponderáveis, que ocorrem dentro de uma situação comunicativa."*

Continua o pesquisador a nos fazer refletir que conceitos como emissor, mensagem, canal, código, ruído etc. tem uso restrito. Não é que este esquema seja falso, mas comunicação não é somente isto. Utilizando a mesma metáfora do autor citado, comunicação não é mais um jogo de peteca, ou poderíamos pensar na imagem de um jogo de ping-pong..., vai e volta...

Baitello propõe que pensemos na comunicação como um espaço, "um espaço probabilístico de sentidos", no qual somos ao mesmo tempo emissor e receptor, mensagem, linguagem, ruído, canal. Somos tudo. A temporalidade é múltipla, como o próprio pensador aponta:

*"Ao mesmo tempo em que estou aqui falando, eu estou recebendo milhares de estímulos ou mensagens do espaço, do tempo, do clima, de vocês todos. E ao mesmo tempo que vocês estão me ouvindo, vocês estão se ouvindo. E ao mesmo tempo que estou falando, eu estou me ouvindo e eu estou me falando também."*





Seria só o corpo biológico? Quando nossas mães "dão à luz", adentramos ao mundo com nosso aparato sensorio e seus órgãos respectivos, que nos permitem a comunicação. Recebemos e emitimos mensagens, mas este fluxo não é estanque, não se limita apenas aos códigos biológicos. Adentramos e vamos participar de um universo cultural com nossos sentidos.

*"A criança recém-nascida entra num mundo já estruturado por um mito e é nesta ecologia humana embebida de cultura que ela vai tentar trocar e realizar suas promessas biológicas, psicológicas e sociais". (Cyrulnik, 1995:66)*

Certamente necessitamos do corpo biológico, onde ocorrem as trocas de substâncias e informações, com seus códigos, como o genético. O professor Ivan Bystrina nomeia estes códigos de primários. Existem os códigos secundários que são os códigos da linguagem, que geram as sociedades, formadas por vínculos entre os indivíduos. Isto se aplica também aos animais, como numa colônia de formigas. Animais têm suas linguagens, mas não possuem cultura.

Entretanto, afirma I. Bystrina, que os códigos secundários (a gramática das línguas naturais) assim como os códigos primários, não são ainda cultura. Somente a partir dos códigos terciários, ou culturais, é que surgem os textos da cultura. (Bystrina, 1995:5)

Ainda para este mesmo autor, enquanto os dois primeiros códigos constituem uma primeira realidade, o homem é o único ser capaz de inventar uma segunda realidade, um fenômeno psíquico, como uma cura para o mal existencial, e é exatamente aí que nasce a cultura. Tudo aquilo que a sociedade não oferece a solução, a cultura a cria a nível simbólico.





*"A segunda realidade é, pois, nitidamente um fenômeno psíquico. Não se pode entrar em comunicação com esse nível de realidade sem o suporte físico da produção de signos. Sem o aparelho fonador, sem as mãos, não é possível criar segundas realidades. Mas temos que considerar que todos os processos psíquicos são produzidos materialmente no corpo". (ibidem:14)*

Os processos são produzidos no corpo que percebe o mundo através dos sentidos, os cinco já conhecidos e o sexto, a propriocepção, o sentido de perceber o próprio corpo, descoberto no final do século passado por Sherrington<sup>8</sup>(Baitello, 1999a: 83). O ser humano comunica-se desde feto, no útero materno, até morrer. Isto seria inaceitável até pouco tempo, ou seja, reconhecer as atividades cognitivas do feto e do recém-nascido.

Ainda sobre este tema temos que em seu artigo "O que o espelho revela que o olho não pode ver?", Sylvia Beatriz Joffily (2002: 399), doutora em Psicologia pela Universidade Louis Pasteur, Strasbourg, informa:

*"As teorias psicológicas vigentes no século XIX e início do século XX, acompanhando o pensamento evolucionista da época não reconheciam a existência de qualquer atividade cognitiva precoce e, menos ainda, manifestações intencionais em fetos e recém-nascidos. Estes eram, segundo aquelas teorias, seres desprovidos de consciência que deviam submeter-se a rigorosa estimulação educativa provinda do mundo externo. Condutas intencionais geneticamente programadas ou congenitamente adquiridas eram impensáveis e o seu conceito hibernava oculto no socius, vocábulo de origem latina derivado do verbo sequi, associar-se".*

<sup>8</sup> A propriocepção é o sentido do próprio corpo. Descoberta por Sherrington na década de 1890, constitui o outro sentido, além de visão, olfato, tato, paladar e audição.





A semiótica da cultura enfoca a comunicação sob uma nova perspectiva, lança um novo olhar. Ela aprofunda o como e o que ocorre com os sentidos e com o sentido na comunicação. Uma vez constituído, o ser humano comunica-se através de seus sentidos: aceita e é aceito, envolve-se e é envolvido e isto ainda no útero materno.

Ao falarmos que a comunicação é um espaço e que somos emissores e receptores ao mesmo tempo, como emitimos e sentimos as mensagens? Através de nosso corpo é a resposta, que assim dito parece simples, embora assuma enorme complexidade. O corpo e seu universo, porém, entendendo serem os sentidos os caminhos que nos dirigem para o mundo, como percursos, direções, roteiros corporais<sup>9</sup>.

A etimologia da palavra sentido é remota. Em indo-europeu a palavra era SENT, e isto significava tomar uma direção ou direcionar-se para algum ponto. Portanto, sentido bastante concreto, efetivamente espacial, evidenciando movimento, uma atividade absolutamente fundamental à constituição do humano. Atividade a partir da qual nasce o conceito de espaço, que surge do movimento criador de novos entornos. Depois o espaço se diferencia.

Do indo-europeu SENT para o germânico SINN, já se transforma, porque não significa direcionar-se, mas direcionar a mente e o pensamento. Nesse passo já existe uma perda, porque o que se perdeu aí foi o corpo. Se antes SENT era dirigir-se, com o corpo para alguma coisa, aí o que se dirige é a mente. Há uma cisão: res cogitans (mente) e res extensa (corpo).

---

<sup>9</sup> Devemos esta abordagem a Norval Baitello Jr. durante aula ministrada em 8/08/2002.





Assim, a mente dirige para uma só direção, sentido único, é unívoco, não permite que todos os sentidos manifestem-se; enquanto que os sentidos são múltiplos e caminham para todas as direções.

Os conceitos são amplos na área da comunicação e já fica bem distante a noção de que comunicação seria uma mera troca de informações, como observamos na cibernética ou como ocorre entre computadores. Ao conceito de comunicação aproxima-se o de sociedade. Uma sociedade só se constitui pelos vínculos da comunicação, pois uma sociedade é um conjunto de vínculos e não de indivíduos, por isso não devemos ignorar sua história. O vínculo amarra, é matéria prima da comunicação. (Baitello: 1998)

### 1.3 Bifurcação de caminhos

O primeiro vínculo comunicacional que se estabelece é o vínculo materno<sup>10</sup>. Dentro do útero, bebês cegos ou não estão em pé de igualdade, sem luz, num ambiente aquoso, o que não significa que já não se comuniquem. Pesquisas atuais confirmam o contato que se estabelece naquele estágio de vida:

*"O feto havia já percebido as informações que vinham tocá-lo às quais ele respondia pelas explorações comportamentais como os movimentos maternos, as mudanças de posição e ruídos. Mas o bebê, no final da gravidez preferia claramente a palavra de sua mãe que, como uma carícia, vinha ao contato de seus lábios e de suas mãos para aí vibrar docemente". (Cyrulnik, 1997:17)*

<sup>10</sup> O biólogo H.F. Harlow (1972), em um famoso experimento a respeito do conceito de amor materno entre chimpanzés, classifica os cinco sistemas afetivos de base em: sistema afetivo maternal, sistema filial, sistema fraternal (da mesma faixa etária), sistema heterossexual e sistema paternal adulto.





Para todo bebê, o nascimento em si é uma passagem difícil, um choque, pois deve mudar de um meio aquático para aéreo e esforçar-se para se manter vivo. O primeiro desafio é o de respirar. Em sua tese de mestrado, Maria do Carmo de Oliveira discorre sobre a comunicação do recém-nascido através da respiração nas primeiras horas de vida :

*"Há toda uma forma de dizer com a respiração, cujo ritmo, intensidade e volume se modificam, por exemplo, para denotar que não está bem, que está sendo agredido, que impotente nas mãos do adulto ele utiliza o seu corpo e tudo que lhe é mais vital, a respiração, para expressar o quanto quer ser respeitado em sua forma de comunicar".*  
(Oliveira, 1994:26)

O médico e antropólogo Ashley Montagu, em seu indispensável livro *Tocar assim se expressa*:

*"O vínculo com o próprio corpo é a base dos vínculos com as outras pessoas, que denominamos socialidade; a mesma é conduzida pela proximidade entre mãe e filho durante o primeiro ano de vida. Este relacionamento corporal íntimo é a base das sensações positivas a respeito de si mesmo, e a sensação de um vínculo corporal permite a consolidação de uma sensação de auto-estima. Fundamentalmente a fonte da auto-estima é o amor. O bebê usa seu corpo para expressar seu amor e suas emoções." ( Montagu, 1988: 255)*

Neste momento poderíamos levantar algumas questões, pois há diferenças no que concerne ao diálogo mantido entre mãe e bebê com visão e entre mãe e bebê cego, sendo profundas as consequências destas adaptações para um desenvolvimento seqüencial. No que diz respeito às mães, o nascimento de uma criança, em geral, desperta o sentimento





de alegria, de expectativas, de realizações. Entretanto, quando é feito o diagnóstico de cegueira, este representa para elas um dos maiores choques:

*"Os estudos mais importantes sobre o desenvolvimento dos primeiros anos de vida derivam da psicanálise, e estes autores salientam as dificuldades dos primeiros contatos da mãe com seu bebê cego, em contraste com orgulho e o prazer das mães de bebês normais. Estas mães freqüentemente descrevem seus sentimentos de injustiça, orgulho ferido, culpa e depressão, que as fazem se afastar emocionalmente do filho e algumas vezes, inconsciente ou racionalmente, desejarem sua morte.....E o bebê, numa dos períodos mais vulneráveis de seu desenvolvimento, naturalmente reage a este afastamento com passividade. Esta fase, apontada por Wills (1970) como período crítico no desenvolvimento da criança cega, é estudada por numerosos psicanalistas e considerada por alguns como irreversível e por outros como de possível compensação por uma maternagem especial." ( Amiralian,1997: 59).*

Esta maternagem especial, explica a autora, é colocada por alguns autores como uma condição essencial para que a criança possa trilhar com sucesso esse perigoso caminho. Supõe uma especial sensibilidade da mãe para encontrar meios para estabelecer, por meio da manipulação e da fala, um contato satisfatório para ambas (ibidem: 65). Isto porque as mães de crianças videntes agem automaticamente, oferecendo suas próprias experiências, mas as mães dos cegos devem aprender como agir e descobrir formas para ajudá-los a conhecer e explorar o mundo exterior.

Nos primeiros dias e até meses de vida, há uma ordem no desenvolvimento sensorial, que vale para todos nós. Os sentidos do Homo sapiens se desenvolvem segundo uma seqüência bem definida:





1-a dimensão tátil

2-a dimensão auditiva

3-a dimensão visual.

À medida que a criança vai se aproximando da adolescência, a ordem de precedência passa a ser invertida:

1- visual

2- auditiva

3- tátil. ( Montagu, 1988 : 299).

Após a organização de suas percepções táteis, visuais, auditivas, gustativas e assim por diante, o bebê começa a se diferenciar do mundo que não é ele mesmo.

*"A diferenciação do si mesmo em relação ao mundo é uma conquista notável e para sua consecução o tato desempenha um papel de destaque. As três principais dimensões que emergem desta diferenciação são o si mesmo ( agente da ação), os objetos ( objetos da ação) e a relação de ações entre as duas primeiras. Em virtude da progressiva diferenciação que o si mesmo sofre em relação a outras pessoas, aumenta a necessidade de comunicação". (ibidem: 242).*

Compreende-se daí que o bebê, no começo de sua vida, é destituído de estrutura psíquica como também de limites corporais e psíquicos. Ele não distingue o dentro e o fora, o eu e o não eu. Neste estágio, as identificações primárias que efetua são dirigidas para suas necessidades enquanto parte de seu corpo. O bebê usa suas mãos, sente-se, muitas vezes







coloca a mão na boca, suga, etc. e é difícil até então distinguir o bebê cego. Afirma Maria Lucia que:

*"Até os quatro meses de idade, os bebês cegos e videntes são comparáveis em seu estado narcísico primário, autocentrado e indiferenciado, quando não estabelecem diferenças entre o Eu e o não Eu, e apenas experimentam prazer quando suas necessidades são satisfeitas e desprazer quando não."* (Amiralian, 1997:59).

Ao nascer, a boca é o órgão dominante de procura e busca e no início da segunda fase as mãos e os olhos tornam-se preponderantes. Afirma ainda aquela autora que "a criança começa a usar mais e mais as suas mãos e a visão torna-se complementar neste movimento para o mundo externo. Como a mão, a visão fica a serviço da boca na busca e pesquisa do mundo externo". (ibidem: 60).

Se o leitor for mãe ou pai, certamente deverá lembrar-se que o bebê passa horas distraído-se com objetos pendurados junto ao berço. Ele os vê e quer agarrá-los com as mãos. Mas isto não ocorre com a criança cega. Os objetos devem ser oferecidos diretamente às suas mãos, ela se distrai tocando.

*"A criança que antes agarrava os objetos com suas mãos agora cata-os com os olhos. Isto é negado à criança cega, que perde a continuidade com o meio ambiente. Além disso, ela é privada do contínuo feedback visual de sua mãe, uma resposta que premia e reforça seus esforços."* (ibidem: 60).

A visão é um dos elos de ligação entre os pais e o recém nascido, mantém e alimenta o vínculo. O contato ocular perdura até a idade adulta, fica gravado em nossa memória. Não esquecemos a maneira que um dia nossos pais e mães nos olham ou nos olharam, tanto os olhares de aprovação quanto os não tão "dóceis". Mas, se fossemos comparar, pode





ser que reparemos que gravamos profundamente seus gestos, seus abraços, suas vozes, seus odores, o tato e o contato que temos ou que tivemos com os mesmos.

A visão organiza, integra as informações sensoriais, o que não impede que sem ela outros caminhos não possam ser percorridos. A percepção do rosto da mãe facilita o desenvolvimento do bebê, mas aquele sem a visão se sentirá atraído para ela por outros meios, como pela voz, por seu cheiro e seu estilo comportamental. "Um bebê cego desenvolve-se muito bem sem jamais ver o rosto de sua mãe". (Cyrułnik, 1997: 176).

É inegável que, nos primeiros anos de vida, tanto a mãe como a criança cega enfrentem problemas muito mais complexos que outras crianças e outras mães. Logo no início, se compararmos o bebê com visão e o sem ela, ainda não há muita diferença, porque a visão não está formada, enxergam-se contornos, depois formas e só depois, a partir do terceiro mês, têm a visão mais definida. Aí a maior parte dos autores concorda que por volta do terceiro mês, o bebê deixa o "estar dentro para estar com". (ibidem: 177).

O interesse pelo mundo externo é sempre uma condição fundamental para o desenvolvimento de uma criança. Com o tempo, ela passa a querer explorar seu entorno, começa a andar, a falar, a querer conhecer, sentir o que está à sua volta. Se, com a visão, esta fase já exige muito cuidado por parte das mães, lidar com crianças sem a visão muito mais é requerido. Talvez, se estas mães não forem as primeiras a aceitar e enfrentar este desafio, serão as primeiras a rejeitarem e terem os mesmos preconceitos que a sociedade irá impor.

Na fase em que começam a falar, na formação dos conceitos, as crianças cegas atribuem aos objetos as mesmas palavras usadas pelos videntes, mas estas palavras possuem significados diferentes, peculiares ou pessoais.





*"Inundada por estímulos sonoros e táteis cinestésicos, sem a ajuda da visão, a criança terá dificuldades em dirigir sua atenção de modo a apreender os atributos essenciais e organizar suas experiências em conceitos prontamente identificáveis." (Amiralian, 1997: 66).*

Às vezes, ocorre de estarmos em pé de igualdade, há termos empregados que compreendemos perfeitamente. Tomemos a palavra vento. Tanto faz se uma criança cega ou não vier nos perguntar como é o vento, respondemos que ninguém o vê, apenas o sente. Mas, na maior parte das vezes, não se dá conta do quanto é difícil a transmissão desta significativa aquisição humana no universo da escuridão. Escreve Edgar Morin que a linguagem permite ao mesmo tempo a acumulação, a conservação, a organização e a criação do saber. Não só permite a cultura e a comunicação, como a linguagem participa das trocas entre o homem e o mundo. "Palavras e frases são veículos de trocas, tanto objetivas como subjetivas". (Morin, 1970:107-108).

Para os cegos, a linguagem e a fala, além de servirem para estas mesmas funções, são usadas também para outros fins. A falta de visão estimula a criança cega a usar as palavras como substitutas de coisas que não vê. Ela descobre usos para a fala em diferentes atividades: para se orientar, para catalogar características que diferenciam pessoas, para descobrir alguma marca pela qual um objeto possa ser reconhecido. (Amiralian, 1997:63).

Nós tomamos a linguagem como tradução de experiências de modelos de mundo. Via comunicação verbal com os deficientes visuais, pode-se informar conceitos diferentes dos deles, "idéias cegas". É ainda Maria Lúcia que enriquece nossa reflexão quando diz que:

Se de um lado a criança cega é totalmente dependente do vidente como transmissor do simbolismo para a utilização de sua linguagem, por outro, ela está divorciada das





concepções de mundo deste mediador. Enquanto os cegos experenciam o mundo pelo tato, pela audição, cinestesia, olfato e gosto o mundo lhes é explicado pela linguagem daqueles que pouco se utilizam deste conjunto de experiências sensoriais." (ibidem: 63).

Aí que há dificuldade de crianças cegas em adquirirem o significado das palavras. É frequente a ecolalia, ou seja, a pessoa repete involuntariamente palavras ou frases que ouviu, mas que nada significam para ela.

Vivemos no espaço e no tempo e os apreendemos com a totalidade de nossos sentidos. O tato, o olfato, a audição e o paladar são os sentidos comuns para todos, deficientes visuais ou não. Entretanto para o cego, o espaço é reduzido a seu próprio corpo e o espaço exterior percebido com a colaboração do sentido da audição. Assim, ele desenvolve um sentido específico, o da ecolocalização. É capaz de perceber se o ambiente é pequeno ou grande, aberto ou fechado, alto ou baixo, etc. As noções de profundidade, perspectiva e movimento, são incompreensíveis para aqueles que nunca enxergaram. Para os cegos de nascença as coisas não têm distância espacial e por isso são incapazes de julgá-la. Entretanto a ecolocalização, esta faculdade que desenvolvem, desde que associada ao sentido da audição, transmite uma sensação acústica capaz de permitir a percepção de deslocamentos de ar, ecos ou ondas sonoras, que possibilita a localização física". (Morin apud Tojal, 1999: 20).

Por sua vez, não podemos nos esquecer que sem a base tátil, muitas daquelas noções também não se confirmam:

*"As modalidades de espaço, tempo e realidade, contorno, forma, profundidade, qualidade, textura, a tridimensionalidade de nossa visão e outras, são quase certamente*





*desenvolvidas, em grande medida, com base nas experiências táteis do bebê". (Montagu, 1986: 245).*

Com relação ao tempo, Oliver Sacks esclarece que os cegos vivem num mundo só de tempo, porque constroem seus mundos a partir de seqüências de impressões (táteis, auditivas, olfativas) não sendo capazes, como as pessoas com visão, de uma percepção visual simultânea, de conceber uma cena visual instantânea. (Sacks, 1995: 138).

Assim, há um outro sentido específico que os deficientes visuais desenvolvem que é a memória espacial, a temporal e a cinestésica, que lhes permitem identificar por associação e referencial adquirido a sua localização espacial e temporal a partir de sensações inter-relacionadas principalmente com os sentidos do tato, audição, olfato e ecolocalização. (Tojal, 1999:20).

Também não há analogias para explicar as cores para os cegos. Em geral, explicam dizendo que o vermelho é a cor do sangue, que árvores são verdes e as verduras idem, que o céu é azul, etc., mas para os cegos congênitos isto pouco representa. Os que perderam a visão, esforçam-se para não esquecerem imagens e cores que um dia estiveram presentes em suas vidas. Lutam para que elas permaneçam o maior tempo possível e lamentam não poder mais olhar para o céu, com suas cores, seus movimentos e seus astros.

*"Uma das ausências que mais sinto em minha vida é sem dúvida a do céu, que pertence às imagens mais apagadas". (Bavcar, 1992:12).*

Observamos anteriormente que o sentido do tato desenvolve-se antes do sentido da visão. Mas, com o decorrer do tempo, a visão passa a ser o sentido mais requisitado. Os sistemas de valores relativos à visão em comparação com os do tato são diversos. No que





dia respeito ao sentido da visão, G. Bateson fala que nossa visão é baseada na ilusão, "o que vê adiciona ao ato de ver". (Bateson,1986:7.

O neurologista S. Zeki e outros cientistas reconhecem que o mecanismo que envolve o funcionamento do cérebro permanece um mistério, mas não duvidam que a visão é cerebral, é um processo ativo, não um processo passivo como imaginamos que fosse. Reconhecem que:

- 1- somos facilmente enganados pelo nosso sistema visual
- 2- a informação visual que provém de nossos olhos pode ser ambígua
- 3- ver é um processo criativo

Ver é acreditar, mas acreditar naquilo que nosso cérebro acredita que seja real. Zeki não deixa, entretanto, de reconhecer "que a visão não é com certeza o único sentido pelo qual podemos adquirir conhecimento" (Zeki, 1998: 4). Montagu também concorda que é o cérebro que efetua a censura propriamente dita e que a visão é o meio pelo qual aquilo que é visto é transmitido ao cérebro, onde então é julgada a informação. (Montagu, 1986: 259).

Todavia, A. Montagu vai adiante em suas colocações e analisa a visão em seu aspecto social, afirmando que ela é o "censor dos sentidos" enquanto o tato é "aberto e livre". Entre tantos experimentos que nos conta em seu livro *Tocar*, Montagu relata os resultados de uma pesquisa do departamento de psicologia da Faculdade de Swarthmore. Estudantes, com idade de 18 a 35 anos, foram levados a uma sala escura, dentro da qual havia alguns desconhecidos, que sabiam que jamais iriam encontrar-se de novo. Quase





todos se tocaram propositalmente (90%), a metade dos participantes se abraçou e perto de 80% dos sujeitos da sala escura disseram que se sentiram sexualmente excitados.

Os pesquisadores ficaram impressionados com o desejo de proximidade íntima demonstrado diante da simples eliminação da luz, o que levou um grupo de pessoas desconhecidas a atingir, em meia hora, um estado de intimidade que é raramente alcançado em um tempo tão curto. Concluíram os experimentos afirmando que as pessoas compartilham de um forte anseio de aproximação umas das outras, mas que nossas normas sociais tornam muito custoso expressar estes sentimentos.

*"Recuo ante a dificuldade erguendo um palácio de abstrações. Hesito ante o obstáculo como tantos têm medo do outro e de sua pele". (Serres, 2001: 21)*

Dar primazia à visão é viver na aparência, ao passo que dar primazia à mão, às pontas dos dedos, é viver na tridimensionalidade do tato e de sua realidade. E. Bavcar considera a cegueira sua "cúmplice" e já familiarizado em transitar por dois mundos assim fala sobre o olhar:

*"O que é um olhar? É talvez a soma de todos os sonhos de onde se esquece a parte de pesadelo quando se pode olhar de outra maneira. E aliás, as trevas são apenas aparência, já que a vida de todo ser humano, por mais sombria que ela seja, é feita também de luz. E da mesma maneira que o dia surge freqüentemente com o canto dos pássaros, eu aprendi a distinguir a voz da manhã e a da noite". (Bavcar, 1992: 16).*





Bavcar participou, recentemente, de um documentário sobre a cegueira intitulado "Janela da Alma"<sup>11</sup>. Nele, há vários depoimentos, tanto dos que perderam a visão, quanto daqueles que a tem prejudicada ou necessitam de óculos, como é o caso do escritor José Saramago. Na sua fala, ele diz que hoje vivemos na caverna de Platão, vemos sombras e acreditamos que sejam reais. Ele conta que costumava ir ao teatro, em Lisboa, e que se sentava lá em cima. Via o outro lado das belíssimas colunas douradas, ele via a sujeira, a poeira e finaliza: "para conhecer a coisa, há que se dar a volta. Com os olhos não vemos nem menos nem mais".

Ainda no mesmo documentário, em um determinado momento, indagaram a um vereador de Belo Horizonte, Godoy, que perdeu a visão ainda jovem, a pergunta que todos nós também gostaríamos de fazer: como os cegos sonham? O político respondeu que sonhava com imagens, que ainda tinha memória visual e, portanto, elas estavam presentes em seus sonhos.

E os que nasceram sem a visão, como sonham?

Pesquisa-se hoje o sonho, antes mesmo de "vir à luz". Joffily (1995: 60) afirma que "os modernos recursos da neurociência confirmam que o sonho, apesar de aparecer tardiamente na escala filogenética, surge para o ser humano, ainda durante a vida uterina, como possante mediador dos mundos interno e externo".

Relata esta autora que recentes pesquisas neuropsicológicas comprovam que o sonho, durante o qual acontecem as primeiras noções de falso e verdadeiro, de um Eu e de um Outro, é um fenômeno mental de implantação precoce. Os primeiros sinais característicos

---

<sup>11</sup> Janela da Alma, com direção de João Jardim Valter Carvalho, é um documentário sobre a cegueira, lançado em 18/10/2001.







do estado de sonho, os movimentos oculares rápidos ou movimentos REM aparecem a partir do sétimo mês de gestação, quando a retina adquire uma estrutura mais definitiva e o registro encefalográfico torna-se mais contínuo.

No mesmo artigo, descreve a autora suas pesquisas e compartilha a seguinte observação:

*"O relato apresentado por sujeitos cegos a respeito de suas experiências oníricas é extremamente interessante. Segundo Michel Jouvet, estes indivíduos, mesmo quando cegos de nascença, manifestam, assim como os providos de visão, os chamados movimentos oculares rápidos, REM, característicos da atividade PGO do sono paradoxal. Entretanto, seus sonhos são totalmente desprovidos de imagens visuais, apresentando em intensidade decrescente, sensações auditivas seguidas de táteis, cinestésicas, gustativas e olfativas (Jouvet, 1992). Todavia, quando a perda de visão acontece após a idade crítica de 5 a 7 anos, a ocorrência de sonhos com conteúdo visual persiste, ainda, por algum tempo, levando 20 a 30 anos para que as imagens visuais oníricas desapareçam totalmente." (ibidem: 73)*

Constatação similar encontra-se na obra de Maria Lúcia Amiralian:

*"Segundo Blank, os cegos congênitos, e os que ficaram cegos antes dos 5 anos de idade, não têm sonhos visuais, sendo as imagens auditivas preponderantes em seus sonhos. Já aqueles que ficam cegos depois dos 7 anos têm sonhos que são povoados de imagens visuais. Para ele, não há diferenças essenciais entre os sonhos dos cegos e videntes, e a análise de sonhos dos cegos serve como comprovação da teoria psicanalítica dos sonhos. Descreve como típicos dos cegos os sonhos "de fora", determinados primariamente por problemas da realidade. São frequentemente diálogos significativos de resíduos diários,*





*relacionados à cegueira mais do que expressões de conflitos profundamente reprimidos. (Amiralian, 1997 : 55).*

Se todos sonhamos, com ou sem a visão, participamos juntos da criação dos textos culturais produzidos pelos homens, pois "os sonhos, o jogo, os estados alterados de consciência e a loucura são as raízes da cultura. (Bystrina, 1995: 14) Tanto para produção dos textos quanto para a percepção dos mesmos necessitamos um meio, uma mídia e a que temos é o corpo.

#### **1.4 Comunicação tátil: o tato como canal de comunicação**

O primeiro meio de comunicação que o homem utiliza é seu próprio corpo, início e fim de toda comunicação, mídia primária por excelência<sup>12</sup>. Afirmo o conhecido teórico que mídia primária é aquela que utiliza apenas as linguagens do próprio corpo, tanto para emitir como para receber as mensagens. Na mídia secundária, o emissor serve-se de algum aparato, de um suporte para sua transmissão. Já na mídia terciária, tanto o emissor quanto o receptor necessitam de aparatos, dos telefones aos computadores. É a mídia da tomada, mídia eletrônica, onde estamos "plugados". Portanto, estas mídias são cumulativas, a mídia primária está sempre presente, lá está o corpo, apesar de não nos darmos conta disto.

Pensar um corpo é pensar na "linguagem dos sentidos" que nos colocam em relação com o mundo. É provável que no início, em quase todas as espécies, o primeiro meio de comunicação tenha apoiado-se sobre a base tátil-gustativa e olfativa. O tato foi, sem

<sup>12</sup> Baseamo-nos na classificação criada pelo cientista político alemão e teórico da comunicação, Harry Pross, que, em 1971, divide a mídia em três grandes grupos.





dúvida, o primeiro a surgir. A comunicação pelo sentido do tato constitui o mais poderoso meio de criar relacionamentos humanos, como fundamentos da experiência.

Animais como dois cães, por exemplo, utilizam-se de todos os sentidos para se comunicarem. Se, neste momento, ao nos darmos conta do quanto estamos distantes de nós mesmos, de nossos corpos, de sua tatilidade, também faríamos a seguinte pergunta:

*"Como fomos, principalmente no mundo ocidental, deixando de nos apoiar nos sentidos de proximidade, o tato, o olfato e o paladar, para nos apoiarmos maciçamente nos sentidos de distância, a visão e a audição?"*. (Montagu, 1986:19).

Os sentidos exprimem-se através de nossos órgãos. Para a visão os olhos, para a audição, os ouvidos, para o paladar, a boca, para o olfato, o nariz e para o sentido do tato é todo o nosso corpo. Isto porque o tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca. A pele recobre todos eles, dentro e fora, o tato é a matriz de todos eles. (ibidem: 21).

O sentido associado à pele é o tato. O nosso corpo inteiro é recoberto de pele, o mais sensível e extenso órgão que temos para sentir. Talvez depois do cérebro, a pele seja o mais importante de todos os nossos sistemas de órgãos. Por isso o filósofo independente Michel Serres, em seu livro *Os cinco sentidos*, ao escrever sobre o tato, dá o sub-título de véus, há o dentro e o fora e o tato é o sentido que mistura todos os outros. Ele nos presenteia com as seguintes palavras:

*"A sensibilidade, alerta aberta a todas as mensagens, ocupa mais a pele que o olho, a boca, a orelha.... Os órgãos dos sentidos acontecem aí quando ela se faz doce e fina, ultra receptiva. Em alguns lugares, em locais determinados, ela se rarefaz até a transparência, abre-se, estende-se até a vibração, torna-se olhar, ouvido, olfato, paladar... Os órgãos dos sentidos variam estranhamente a pele, ela própria variável fundamental, sensorium*





*commune: sentido comum a todos os sentidos, que serve de elo, ponte, passagem entre eles, plano banal, parede-meia, coletiva, partilhada." (Serres, 2001: 66)*

Sendo o sistema tátil o primeiro a formar-se, ainda no útero, o contato é estabelecido entre os corpos apenas pela linguagem do sentir o outro corpo. Conforme mencionado anteriormente, a experiência pela qual o bebê passa em contato com o corpo de sua mãe constitui seu meio primário e fundamental de comunicação, sua primeira linguagem, sua primeira forma de entrar em contato com o outro ser humano, "a gênese do toque humano".(Montagu, 1986: 131).

O tato difere dos outros sentidos porque exige a presença, presença de um outro corpo, claramente explicitado assim:

*"Diversamente da visão e da audição, no contato sentimos o paladar e odor, as experiências limitam-se às superfícies da cavidade nasal e o palato. Deste modo, decorre que nosso mundo é composto por presenças, coisas que são corpos. E são isto porque entram em contato com as mais próximas de todas as coisas que existem para nós, o eu que cada uma de nós é: nosso corpo". (ibidem: 129).*

Montagu escreve, logo no início de seu livro *Tocar*, um capítulo inteiro sobre *A Mente da Pele*, onde como médico e antropólogo, apresenta inúmeros argumentos científicos sobre o assunto. Dado que os diversos sentidos são na realidade receptores de pele de diferentes tipos, os olhos, ouvidos, nariz e certamente a língua, "sentem" mais do que vêem, ouvem, cheiram e degustam. (ibidem: 24).

A pele tem inúmeras funções, diz Montagu. A pele é um bastião e nos protege. Mas é também o espelho do funcionamento do organismo interno, ela capta e reflete tanto física como emocionalmente o que sentimos. O sistema tátil é o único que emite e recebe,





podemos nos tocar e nos sentirmos tocados. O rosto e a mão como "órgão dos sentidos", não só transmitem ao cérebro informações sobre o meio ambiente como também lhe passam determinadas informações relativas ao "sistema nervoso interior".

O sistema tátil é complexo e diversificado, por isso a necessidade de distinguir-se as formas de toque e o papel que desempenham, relata-se que há:

1-o toque social

2-o toque passivo

3-o toque háptico

*"O toque social estimula os vínculos sociais, a dependência, a integridade emocional; os efeitos do tocar em situações sociais, a estimulação e a privação social constituem então, a mais ampla área de nosso interesse. No toque passivo, o organismo é tocado; o contato com a pele do sujeito é efetuado por algum agente externo, como uma superfície áspera que é deslizada sobre dedos imóveis. Isto se opõe ao toque ativo, no qual o organismo toca, e se refere ao iniciar e desempenhar atos que efetivem o contato pele-objeto, sua exploração e uso manipulativo da pele; disto decorre a estimulação dos sistemas receptores nos músculos, tendões, articulações: o sistema cinestésico. O toque háptico refere-se ao toque em seu mais amplo sentido e geralmente é usado para indicar o toque de exploração e manipulação, em contraste com as sensações táteis, que resultam da estimulação dos receptores passivos." (ibidem: 167-168)*

Nas últimas décadas, pesquisa-se as capacidades perceptivas da pele. Comprovou-se que a pele e a retina do olho são únicas em termos de seus receptores sensoriais serem distribuídos segundo um padrão. Isto permite que tanto a retina quanto a pele captem





regularidades e padrões de estímulos e os convertam prontamente em imagens no cérebro. (ibidem: 184)

A afirmação acima é confirmada através de experiências. Montagu segue descrevendo uma delas, realizada em São Francisco, na Faculdade de Ciências Médicas. Usando uma distribuição de eletrodos, montados sobre uma matriz elástica, coloca-se tal experimento às costas ou sobre o abdômen do paciente, embaixo das roupas. Sobre a cabeça do mesmo instala-se uma câmera, como uma lâmpada de mineiro. Esta câmera pode transmitir aos eletrodos as informações captadas que, por sua vez, são transmitidas para a pele. A informação é então traduzida no cérebro formando a noção do que é. No decurso desta pesquisa, descobriu-se que a pele abdominal "vê" melhor que a das costas ou dos antebraços. (ibidem: 184)

Acima vimos um relato cujo percurso forma-se da imagem para a pele. Agora passamos ao relato da pele para a imagem. Sabemos que o deficiente visual pode ler e escrever através do alfabeto braile<sup>13</sup>. São pequenos pontos, em relevo, que as pontas dos dedos devem percorrer, delicadamente, sobre o papel, para aquela escrita ser decifrada. Para quem perde a visão, já adulto, encontra muita dificuldade em aprender tal método. Nossas pontas dos dedos não estão preparadas para tal sutil operação. Oliver Sacks comprova que, em cegos que lêem em braile, o dedo leitor tem uma representação excepcionalmente grande nas partes táteis do córtex cerebral. É de se suspeitar que as partes táteis (e auditivas) do córtex são alargadas nos cegos e podem até se expandir para o que normalmente é o córtex visual. O que sobra do córtex visual, sem o estímulo da visão, pode ficar em grande parte sem se desenvolver. Parece provável que tal

---

<sup>13</sup> Louis Braille, professor francês, nascido em Coupvray 1809-1852. Cego, ele inventou um sistema de escrita utilizando pontos salientes, em relevo, para uso dos cegos.





diferenciação do desenvolvimento cerebral acompanhe a perda de um sentido na infância e a intensificação compensatória de outros sentidos.

Entretanto, a discussão sobre as compensações que o cérebro realiza são, até o momento, apenas suspeitas. A comunicação tátil, sendo vital para os indivíduos sem a visão, não é menos importante para os que dela se utilizam. O corpo é uma inteligência viva organizada para perceber o mundo com todos os sentidos, principalmente com os de proximidade.

Nossa comunicação tátil está sufocada, agoniza, mas o corpo insiste em querer sentir e ser sentido, tocar e ser tocado. Neste caso, haveria um processo compensatório? Somos seres táteis, carentes de tatilidade. E não sentir mais com a pele, com todo o corpo, sem o sentido do tato, o que somos e o que isto pode ocasionar? Parece antecipar essa preocupação quando Montagu nota que "o indivíduo carente a nível tátil sofrerá de uma deficiência de "feedback" da pele para o cérebro, que tem a possibilidade de interferir gravemente em seu desenvolvimento como ser humano." (Montagu, 1986: 255).

O bebê chora muitas vezes porque quer ser tocado, quer um colo, um embalço, mas convém não tocá-lo, pode ficar mal acostumado. Hoje, já inventaram as babás eletrônicas, tem até aparelhos que detectam a causa da reclamação. A seguir, a criança quer pôr as mãos em todos e em tudo, quer sentir, cheirar, pôr na boca. Mas é proibido olhar com as mãos e ela deve sentir só com os olhos. Adultos, nossos corpos continuam a querer ser tocados, mas aprendemos bem com nossos pais e com nossa cultura que "é proibido tocar". Só o nosso corpo que insiste, que clama pela mídia primária, sufocada pela mídia terciária. Haverá mesmo uma revolta dos sentidos, conforme questiona Serres (1995: 71)?

### 1.5 Entre o toque esquecido e a visão saturada





Ao longo do processo histórico, eventualmente pessoas de diferentes lugares produzem, pensam, teorizam na mesma direção. O que se denomina "espírito do tempo" ou simultaneidade epistemológica. Em nossa bibliografia quase todos os autores citados falam da perda dos sentidos, do distanciamento de nosso corpo, da cisão, da privação de experiências sensoriais que sofremos em nossa sociedade tecnológica.

*"Muitas filosofias referem-se à vista ; poucas ao ouvido; menos crédito ainda dão ao tato e ao odor. A abstração recorta o corpo que sente, suprime o gosto, o olfato e o tato, conserva apenas a vista e o ouvido, intuição e entendimento. Abstrair significa menos sair do corpo do que o partir em pedaços : análise." ( Serres, 2001: 21)*

É recente a tomada de consciência do quanto estamos distanciados de nossos sentidos e o que isto pode ocasionar. Durante séculos, acreditou-se que no reino animal, do qual fazemos parte como mamíferos, ser a alimentação o fator primordial para nossa sobrevivência, não se dando a mínima atenção a outras questões, como afeto e aconchego, aspectos que eram desconsiderados.

Como isto cai por terra? O professor Harry Harlow realizou uma incrível experiência com macacos rhesus. Em seu experimento com recém nascidos, ele construiu duas mães substitutas, uma de arame e outra de "pele" felpuda e aquecida, mas as duas em condições iguais na alimentação. O professor se surpreendeu ao constatar que a variável afetiva e amorosa suplantou a variável da amamentação. Concluiu Harlow: "De fato, a disparidade é tão grande que sugere que a função primária do aleitamento como variável afetiva é a de assegurar um contato corporal frequente e íntimo do bebê com a mãe. Certamente ninguém consegue viver só de leite. O amor é uma emoção que não necessita ser dada em mamadeiras ou às colheradas, e podemos ter certeza de não haver ganho nenhum em falar do amor só da boca para fora." (Harlow apud Montagu, 1986: 54).







Quando falamos em comunicação tátil, na maior parte das vezes, entende-se apenas que está relacionada com a cegueira. Pouca importância dá-se ao tato, mesmo porque, na mídia terciária, a que mais se utiliza em nossos dias, o contato tátil nesta comunicação é quase nulo. Por isso que alguns teóricos da mídia preocupam-se com a atual situação, como é o caso de Baitello, que assim se pronuncia:

*"Os sentidos da proximidade, em particular o sentido do tato, têm sido considerados toscos e, quando muito, auxiliares menores do conhecimento racional. As linguagens do tato e a comunicação tátil circunscreveram-se a áreas de refúgio, sendo desenvolvidas apenas quando da perda da visão ou então como terapias específicas, destinadas a excepcionalidades patológicas. Assim, pode-se dizer, em resumo, que a comunicação tátil termina sendo prescrita como um tipo de "remédio", sendo raramente vista como normalidade integrante de um sistema comunicativo complexo, composto de diversos aparatos produtores e receptores de linguagens." (Baitello, 1999: 81)*

Há outras experiências científicas que trabalharam com a ausência da linguagem tátil em macacos. Os filhotes foram separados de seus pais e, quando adultos, apresentaram um temperamento muito agressivo. Não é exatamente uma novidade. Parece-nos haver uma estrita forma de relação entre a ausência da comunicação tátil e a violência. Por que não dizer com todas as letras que a falta da comunicação tátil é a base para a violência? É pelo tato que somos aceitos, que estamos juntos, que nos vinculamos. O inverso é verdadeiro. Sem o tato, o que somos? Seres rejeitados, excluídos, desvinculados.

Mas não é só. Se de um lado perdemos o sentido do tato, daquele sentido que tudo liga, por outro lado estamos com o sentido da visão exacerbado. Distantes dos sentidos de proximidade, corremos o risco que nosso corpo escape como um todo de sentidos. Dietmar Kamper, Montagu, Cyrulnik, Baitello, Leroi- Gourhan, dentre outros, debatem





sobre a perda do sexto sentido, o da propriocepção, que é o sentido do próprio corpo, do presente, do aqui e agora. Como chegamos a isto? Baitello nos propõe indagar se um diálogo entre a visão e a propriocepção não seria também válido na outra direção, ou seja, com tantas imagens, tanta visão, não estaríamos perdendo aos poucos a sensação do próprio corpo, o espaço do eu?

Habitamos um corpo virtual. Uma imagem não tem tempo nem espaço. Segundo D. Kamper, o tempo do corpo não é o mesmo da luz. O corpo precisa do tempo e do espaço. Uma imagem não tem cheiro, nem sabor, nem pode ser sentida pelo tato. O corpo sente, tem prazer e desprazer, principalmente com os sentidos de proximidade. Se a visão predomina sobre os outros sentidos, não estaríamos falando de um corpo que não sente mais prazer?

E só com a visão, pergunta o antropólogo A. Leroi-Gourhan, "como é que este mamífero obsoleto irá continuar a empurrar o seu rochedo encosta acima, se um dia já só lhe restar a imagem da sua realidade?". (1965: 227).

Este dia já chegou! Dietmar Kamper aporta para esta discussão enormes contribuições. Dedicou-se em seus estudos a elaborar uma sociologia do corpo humano a partir de vínculos, agregações e conexões. Ele alerta sobre a "cisão entre o corpo real e o corpo imagético". Nos últimos séculos, o corpo foi objeto de uma terrível operação de disciplina e, apesar da liberdade do espírito e do intelecto terem sido conquistadas, isto custou o preço da não liberdade do corpo, que é a verdadeira vítima deste processo histórico.

*"Como vivemos em nossos corpos, é fácil perceber que corpos representados não tem nada de corporal. Entretanto, desde que aprendemos a só perceber o mundo com os olhos - de*





*acordo com a divisa européia do: don't touch! - a perda do corpo nos escapa". (Kamper, 1999: 5).*

Kamper esteve algumas vezes em nosso país e aqui em São Paulo, tivemos a honra de participar de suas palestras. Refletiu muito sobre o terror atual da visibilidade, "quanto mais visibilidade mais invisibilidade". O mundo opera hoje por imagens e não pelas verdades e o imagético opera por valores culturais. Afirmo que o fato aqui é pensar então na sobrevivência do corpo enquanto corpo vivo e suas exigências. Todos os nossos sentidos são tridimensionais, originalmente, afirma o pensador alemão. Se imperam as imagens e elas são bidimensionais, ocorre a transformação dos corpos em imagens.

Em função do olhar, a obrigatoriedade de transformar tudo o que existe em uma imagem está associada a uma estranha espontaneidade, a qual dissolve sem deixar rastros as antigas fronteiras e tem sérios desdobramentos. Torna-se um círculo vicioso: para participar do processo da visibilidade ampliada, os indivíduos aceitam perder as corporalidades multidimensionais de suas vidas.

A profundidade do mundo não é para o olho.

*"Pois os olhos, apesar da binocularidade, não vêem os corpos que de maneira pictural, quer dizer sobre as superfícies, ao passo que a pele, este grande sentido tátil, preferiria tocar as imagens, o que é impossível. Logo, desde que o imaginário instalou-se como uma prisão para os humanos tendo uma identidade e ávidos de unidade, o potencial de verificação dos outros sentidos desaparece. Acontece então algo estranho : a superfície triunfa sobre toda percepção". (Kamper, 1999: 50).*

O filósofo alemão desenvolveu toda uma sociologia do corpo e é ele também que nos aponta um caminho. Pesquisadores dão continuidade a seus estudos e contribuem para





uma Semiótica do Corpo. Dentre eles encontra-se Cleide Riva Campelo<sup>14</sup>, que aqui nos oferece um antídoto para a perda do corpo:

*"Fundamentalmente, ao se propor uma semiótica do corpo, o que se busca é a redescoberta dos sentidos. Uma visão que veja mais do que a luz permite, uma visão também na ausência da luz; um paladar que redescubra o gosto do fruto proibido e já esquecido, porque anestesiado pela rotina; uma audição pronta a ouvir o que é estranho, com tolerância para o ruído, para o que não se domesticou com um rótulo; um olfato que saiba perseguir rastros na terra úmida, que saiba descobrir parceiros pelo cheiro quente que a paixão exala, que saiba cheirar as crias antes de tocá-las; um tato esperto pronto para o arrepio, para o susto vindo de uma aventura, do risco, dos perigos que o novo sempre engendra; uma propriocepção ajustada com o telescópio possante para perceber as oscilações da primavera, a aridez do inverno, enfim, um auxiliar poderoso para ajudar o corpo a mapear-se e a mapear o que está em sua volta. Uma Semiótica do Corpo pressupõe uma pedagogia dos sentidos. E uma estética". (2002: 4)*

Os conceitos como cultura e comunicação, corpo e deficiência estão interligados. Nada se exclui. Este trabalho dedica-se ao deficiente visual que por sua vez permanece excluído (na maior parte das vezes) das exposições de artes plásticas. Este é o tema que desenvolvemos em nossa pesquisa, visando "clarear as idéias" sobre o assunto.

O que não podemos esclarecer, nem responder ainda, é que nome dar às nossas deficiências contemporâneas. Somos seres que estamos padecendo de uma cegueira apesar dos olhos, uma falta de tato apesar de dedos, mãos e pele. Conclui-se que sofremos de carência tátil, somos deficientes da mídia primária. Poderíamos sugerir que somos "deficientes primários?"





"O ser humano pode sobreviver a privações sensoriais extremas de outra natureza, como a visual ou sonora, desde que seja mantida a experiência sensorial da pele". (Montagu, 1988: 106).

AMIRALIAN, Maria Lúcia T.M.(1997). *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de Desenhos - Estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BAITELLO, JR. Norval (1993) *Dada-Berlim. Des/Montagem*. São Paulo: Annablume.

\_\_\_\_\_ (1997) "A Cultura do Ouvir", in BENTES, Ivana et al. (org) Rádio Nova, Constelações da Radiofonia Contemporânea 3. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (1998) "Comunicação, Mídia e Cultura". Revista São Paulo em Perspectiva, vol.12, n.4, Fundação Seade.

\_\_\_\_\_ (1999a) "Comunicação é um Espaço". Universidade de Brasília. Disponível na biblioteca [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br).

\_\_\_\_\_ (1999) *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume.

\_\_\_\_\_ (1999) "Imagem e Violência. A perda do presente". Revista São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação Seade. Vol.13, n.3, julho/setembro.

\_\_\_\_\_ (2000) "As imagens que nos devoram" Encontro Imagem e Violência. Disponível em: <http://sesc.uol.com.br/sesc/hotsites/imagemeviolencia/conferencias.htm>





\_\_\_\_\_ (2000) "*A Invisibilidade do Corpo*" in *Catálogo "O Corpo Invisível II"* - setembro, Universidade Cidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2002) "*O olho do furacão*", Pré Print CISC- COS/ PUC-SP, São Paulo, [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)

BAVCAR, Eugen. (1992) *Le Voyeur Absolu. Paris: Fiction & Cie*, Éditions du Seuil.

\_\_\_\_\_ (1994) "*A luz e o cego*" in *Arte e Pensamento*, São Paulo, Cia das Letras, pp. 461-467.

BATESON, Gregory (1986) *Mente e natureza*. Tradução de Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A.

BYSTRINA, Ivan. (1995) *Tópicos de Semiótica da Cultura. Pré-print*. Trad. Norval Baitello Junior e Sonia Castino. São Paulo: PUC-SP.

CAMPELO, Cleide Riva. (2001) *Os sonhos do corpo: A Comunicação Biocultural do Corpo*. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2002). "*Passos Labirínticos do Corpo*". *Revista de Semiótica, Cultura e Mídia*. Ghrebh. São Paulo: Cisc, 1o Encontro Nacional, out/2002.

CYRULNIK, Boris. (1995) *Os alimentos do Afeto*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora Ática S. A.

\_\_\_\_\_ (1997) *L' Ensorcellement du Monde*. Paris: Éditions Odile Jacob.





FLUSSER, Vilém. (1999) *A Dúvida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

GANZAROLLI, João.(1998) "*Arte e Visualidade- A questão da Cegueira*". Disponível em <http://www.ibcnet.org.br/Paginas/cegueira/Cegueira-14htm>>

\_\_\_\_\_ (1998) "*Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem semi-aristotélica*". XVI International Congress of Aesthetics, Ljubljana, Disponível em <http://www.ibcnet.org.br>

HILLMAN, James. (1993) *Cidade & Alma*. São Paulo: Nobel.

JOFFILY, Sylvia Beatriz. (2002) "*Sonho e Individualização*" in REIMÃO, Rubens (ed.) *Tópicos Seleccionados de Medicina do Sono*. Associação Paulista de Medicina. São Paulo: Kraft - Gráfica e Editora.

\_\_\_\_\_ (2001) "*O que o espelho revela que o olho não pode ver*" in REIMÃO, Rubens (ed.) *Avanços em Medicina do Sono*. Associação Paulista de Medicina. São Paulo: Zeppelin Editorial.

\_\_\_\_\_ (1996) "*Uma história de Anjo*". Análise de uma Canção Infantil. Revista do grupo de Estudos C.G. Jung. Número VII. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (1995/96) "*O sonho precursor da Individualidade nos mecanismos sociais humanos*". *Revista de Psicologia Clínica*. Pós-Graduação e Pesquisa. Departamento de Psicologia. PUC Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ ; WULF, Christopher (org.) (1989) *Looking back on the end of the world*. Semiotext(e), Foreign Agent Series, NewYork: Columbia University Press.





KAMPER, Dietmar. (1998) *O Trabalho como Vida*. 2a ed. Trad. Peter Naumann e Norval Baitello. São Paulo: Annablume.

\_\_\_\_\_ (1999) *Jan Fabre ou L'Art de L'Impossible*. Traduit de l'allemand par Catherine Bierling. Strasbourg: La Chaufferie éditeur.

\_\_\_\_\_ (2001). "Corpo vivo, corpo morto". Disponível em: <http://sesc.uol.com.br/sesc/hotsites/imagemeviolencia/conferencias.html>

\_\_\_\_\_ (2002) *Estrutura Temporal das Imagens*. CISC- COS/ PUC-SP, São Paulo. Disponível em: <http://www.cisc.org.br>

LEROI-GOURHAN, Andre. (1965) *O Gesto e a Palavra: 2- Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70.

MONTAGU, Ashley. (1978) *Introdução à Antropologia*. Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo: 2a ed., Editora Cultrix.

\_\_\_\_\_ (1986) *Tocar - O Significado Humano da Pele*. 6a ed. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto São Paulo: Summus.

MORIN, Edgar. (1970) *L' Homme et la mort*. Paris: Éditions du Seuil.

OLIVEIRA, Maria do Carmo. (1994) *Comunicação do Recém nascido: respiração*. Dissertação (mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PROSS, Harry; ROMANO, Vicente. (1999) *Atrapados en la Red Midiática - Orientación en la diversidad*. Espanha: Argilalexte Hiru.







\_\_\_\_\_. (1997) *A Sociedade do Protesto*. Trad. Peter Naumann. São Paulo: Annablume, 1.

SACKS, Oliver. (1997) *A Ilha dos daltônicos e ilha das cicadáceas*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_ (1995) *Um Antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. Trad. Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras.

SERRES, Michel. (1995) *A lenda dos Anjos*. São Paulo: Aleph.

\_\_\_\_\_ (2001) *Os cinco sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TOJAL, Amanda. (1999) *Museu de Arte e Público Especial*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Artes. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

ZEKI, Semir. (1999) *Inner Vision - An Exploration of Art and the Brain*. New York: Oxford University Press, Inc.

